

CORREIO CULTURAL



Tom Holland e Robert Pattinson em 'A Odisseia'

Tom Holland ativa o modo sincero

Este mês de julho está sendo agitado para Tom Holland. O astro está com agenda cheia participando das turnês de divulgação de “A Odisseia” e “Homem-Aranha: Um Novo Dia”, filmes nos quais aparece. O ator diz que está adorando, pois gosta de ambos os filmes. Porém, nem sempre foi assim. Em entrevista para o podcast Dish, o ator ativou o modo sincero ele disse que já se arrependeu de promover filmes que, na opinião dele, eram ruins.

“Quando você está promovendo um filme do qual se orgulha, é fácil responder por que as pessoas devem assistir a esse filme”, disse o ator. “Mas houve vezes em que, quando respondi a essa pergunta, na minha mente eu pensava que elas não deveriam [assistir ao filme], porque era uma porcaria.”

Lobby antifusão

Os atores Benedict Cumberbatch, Alan Cumming e Benedict Wong publicaram artigo no jornal The Guardian pedindo que o governo do Reino Unido impeça a fusão entre Paramount e Warner Bros. Discovery. No texto, eles afirmam que o acordo de US\$ 111 bilhões representa uma ameaça à cultura britânica, ao setor audiovisual e ao interesse público. Os artistas apoiam a disposição da secretária de Cultura, Lisa Nandy, de investigar o negócio e destacam que a decisão britânica será independente das análises feitas em outros países.

Shows no Brasil

A Social Distortion, banda estadunidense de punk rock, volta ao Brasil após 16 anos para a turnê “Born To Kill” que divulga o álbum de estúdio de mesmo nome. Setão dois shows no país: em São Paulo (14/11), no Vibra; e em Curitiba (15/11), no Live. de novembro, na Live.

Shows no Brasil II

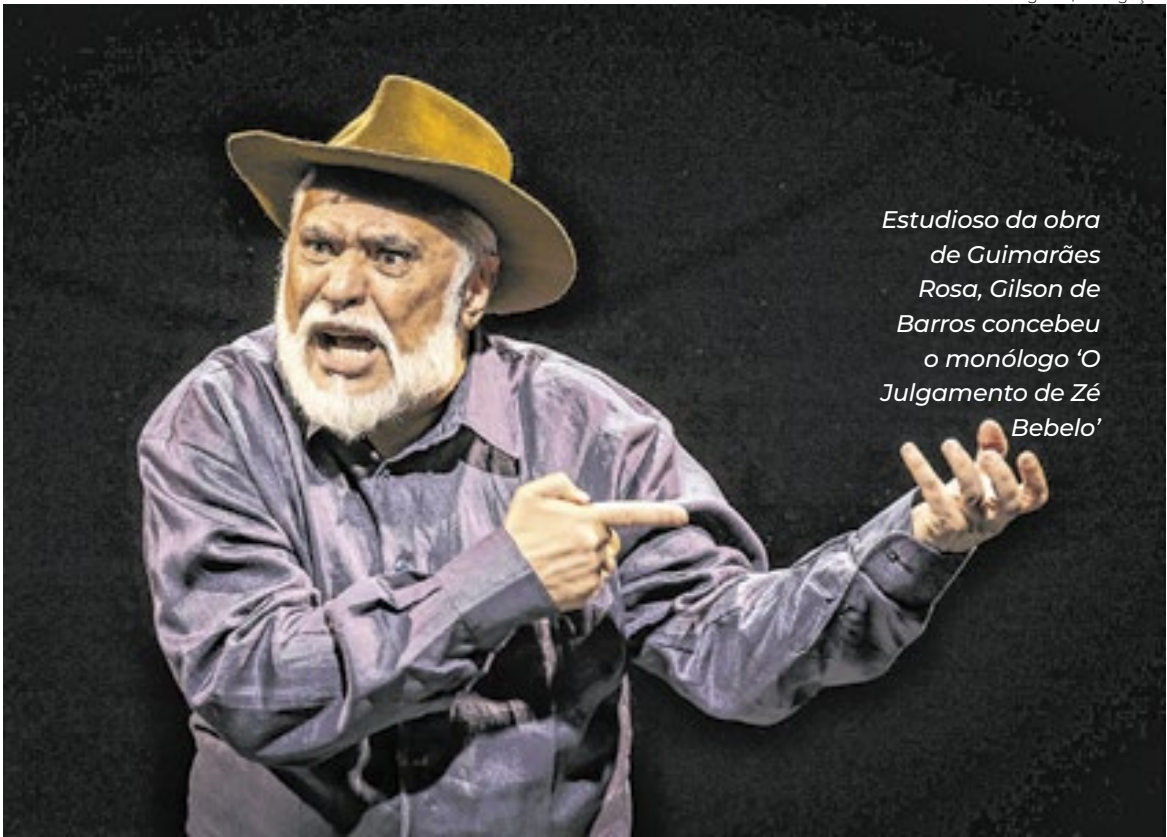
“Born To Kill” é o oitavo álbum de estúdio da banda formada em 1978, na Califórnia, por Mike Ness. As músicas do disco, entre elas a própria “Born To Kill” e “The Way Things Were”, abordam temas como culpa, luto e resiliência frente ao vício e às dificuldades da vida

Johnny Marr traz novo álbum ao Brasil

Johnny Marr, um dos fundadores do The Smiths, fará show em São Paulo, no Tokio Marine Hall, em 24 de novembro. O guitarrista e cantor retorna ao Brasil após 11 anos para promover seu próximo álbum de estúdio, “The Age Of Everything”. O músico pavimentou uma consistente carreira solo desde 2013. Sua saída da famosa banda britânica ocorreu 1987.



Divulgação



Estudioso da obra de Guimarães Rosa, Gilson de Barros concebeu o monólogo ‘O Julgamento de Zé Bebelo’

Gilson de Barros volta ao Rio com a terceira parte de sua trilogia baseada em ‘Grande Sertão: Veredas’

Imerso no universo rosiano

O Centro Cultural do Poder Judiciário do Rio de Janeiro recebe nesta quarta-feira (29) sessão gratuita do monólogo “O Julgamento de Zé Bebelo”, terceiro recorte da “Trilogia Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa, idealizado pelo ator e dramaturgo Gilson de Barros.

O episódio escolhido é dos mais instigantes do romance. Zé Bebelo, chefe jagunço derrotado em combate, recusa a execução sumária — praxe no sertão — e exige um julgamento “correto e legal”. O que se segue é uma cena insólita e fundadora: Joca Ramiro, outro comandante de bando, assume a função de juiz, garante ampla defesa ao réu e, ao final, decreta sua soltura sob condição de exílio em Goiás. É a aplicação do Direito improvisada sobre o cano da espingarda.

A passagem situa-se na transição entre a República Velha e o Governo Provisório de Vargas, quando o escritor mineiro desenha o panorama do sistema jagunço e do coronelismo — um país onde a lei, quando existe, depende mais da vontade de um chefe do que de qualquer código.

A montagem aposta no que Gilson de Barros chama de “interpretação narrativa”, técnica que preserva a riqueza da linguagem poética de Guimarães Rosa sem transformá-la em recitação. “A montagem preserva a especificidade da linguagem poética de

“A montagem preserva a especificidade da linguagem poética de Guimarães Rosa, utilizando técnicas de interpretação narrativa que permitem uma imersão profunda na história, respeitando a riqueza linguística do autor”

GILSON DE BARROS

Guimarães Rosa, utilizando técnicas de interpretação narrativa que permitem uma imersão profunda na história, respeitando a riqueza linguística do autor”, explica o ator.

Amir Haddad, com décadas de ofício no teatro carioca, reforça a opção pelo despojamento: “O espaço cênico minimalista, com poucos elementos visuais e sonoros, foi concebido para não sobrecarregar a narrativa, criando um ambiente propício para que o espectador se entregue à força da história.” Palco nu, voz e verbo. A trilogia circula há seis anos por São Paulo, Rio, Belo Horizonte e Lisboa, onde passou pela Fundação José Saramago. Neste 2026, quando se completam setenta anos da publicação de Grande Sertão: Veredas, o projeto segue chamando atenção pela fidelidade ao texto — não ao texto como monumento intocável, mas como organismo vivo, respirando no

corpo de um ator solo. Gilson, que também assina os recortes, faz do palco uma varanda de onde se fala, reflete e confessa, como um Riobaldo que nunca largou a estrada.

Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo (MG), em 1908. Diplomata, médico, poliglota — traduziu autores como Goethe e Rilke antes de se dedicar à própria ficção. Sua obra não se encaixa no regionalismo tradicional: o sertão que ele descreve é ao mesmo tempo mineiro, brasileiro e universal. Criou neologismos, misturou oralidade popular com sintaxe erudita, reinventou o português para dar voz a quem nunca teve palavra.

SERVIÇO
O JULGAMENTO DE ZÉ BEBELO
Centro Cultural Poder Judiciário do Rio de Janeiro (Rua Dom Manuel, 29 — Centro) | 29/7, às 18h30 | Grátis